

JOHN STOTT AVALIADO POR MOLTSMANN E PACKER

Rev. Carlos Eduardo Calvani

Os evangélicos brasileiros apreciam muito os livros do teólogo anglicano John Stott. Porém, algumas das declarações de Stott, defendendo o "aniquilacionismo" (isto é, a idéia de que não há "inferno" e que a "alma" dos que não aceitaram a Jesus será "aniquilada") tem causado certo mal estar em alguns círculos evangélicos. Stott afirma que "o conceito de tormento consciente eterno é emocionalmente intolerável. Não consigo compreender como as pessoas conseguem conviver com isso sem cauterizar seus sentimentos ou esfacelá-los com a tensão" (Essentials, p. 315-316). Uma crítica recente foi feita por James Packer no artigo "Reconsiderando o aniquilacionismo evangélico: uma análise do pensamento de John Stott sobre a não-existência do inferno" (texto disponível na internet). Packer, um evangélico bem mais conservador que Stott, esforça-se em seu texto por provar a existência do inferno e defender a condenação eterna e consciente dos não-regenerados.

Este ano foi publicado no Brasil o livro do conhecido teólogo reformado Jurgen Moltmann, "A vinda de Deus: Escatologia Cristã" (São Leopoldo, Unisinos, 2003, 374p.). A edição original em alemão é de 1995. Lendo esse texto, deparei-me também com uma crítica teológica dirigida não somente a John Stott, mas ao *Pacto de Lausanne*, documento teológico evangélico internacional, do qual Stott foi um dos principais redatores. Eis o texto de Moltmann:

"A *declaração de Lausanne* feita pelos teólogos evangélicos diz que 'aqueles que rejeitam Cristo recusam a alegria da redenção e condenam a si mesmos à separação eterna de Deus'. Portanto, eles não só serão condenados por Deus, mas condenam a si mesmos. Isto é teologicamente plausível? Pode um ser humano condenar a si mesmo e um outro salvar a si mesmo pela aceitação de Cristo? Se assim fosse, as decisões de Deus dependeriam da vontade dos seres humanos. Deus tornar-se-ia um auxiliar da plenitude dos seres humanos, que decidem, eles próprios, sobre o seu destino. Se eu posso condenar a mim mesmo, sou o meu próprio Deus e juiz. *Em última instância, isso é ateísmo* (grifo meu). Tampouco considero útil, por excluir o juízo de Deus, a concepção evangélica mais recente de uma "conditional immortality", de acordo com a qual ninguém obtém a vida após a morte a não ser que creia e Deus lhe dê a vida eterna, ao passo que todos os demais permanecem mortos. Assassinos de massa talvez ficassem contentes com essa solução, pois não teriam de assumir a responsabilidade perante o juízo de Deus. A concepção dos aniquilacionistas, de que os incrédulos não irão para um inferno sem fim, mas simplesmente serão destruídos e cairão no nada eterno, tampouco me parece compatível com a onipresença vindoura de Deus e sua fidelidade para com as suas criaturas. O fato de os perdidos "sumirem" combina com as terríveis experiências feitas com os bandos de assassinos das ditaduras militares, mas não com Deus" (p. 128). A nota

de rodapé cita como referência principal para o aniquilacionismo evangélico, o texto de John Stott, em *Evangelical Essentials: A liberal-evangelical Dialogue* (InterVarsity Press, Downer Groves/III, 1988, p. 312s).

Pensamento inadequado (Packer) ou um pensamento que combina mais com os esquadrões da morte que cuidavam de fazer “desaparecer” os perseguidos políticos nas ditaduras militares (Moltmann)? O fato é que John Stott continua sustentando sua convicção no aniquilacionismo. Ele já está bem idoso e talvez o trabalho de responder aos seus questionadores fique a cargo de seus muitos seguidores no mundo evangélico. A polêmica só começou.

NOTÍCIAS DO CEA

Novo livro do Prof. Faraco – O Prof. Carlos Alberto Faraco, membro ativo da Paróquia São Tiago (agora Catedral de São Tiago) em Curitiba, acaba de lançar seu mais recente livro: “Linguagem e Diálogo – as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin” (Curitiba, Criar Ed., 2003). Recentemente o Prof. Faraco organizou em Curitiba um grande congresso internacional sobre Bakhtin. O Prof. Faraco leciona no Departamento de Lingüística da UFPR, instituição da qual também foi reitor. Ele foi membro da JUNET entre 1997 e 2000.

Assessoria ao IAET – Nos dias 11 a 13 de julho, o CEA assessorou o IAET (DASP) em uma jornada sobre História do Anglicanismo e da IEAB. Com cerca de 20 participantes entre clérigos, postulantes, seminaristas e leigos/as, o encontro contou com a colaboração da Profa. Vera Lúcia Simões de Oliveira (SETEK) e do Rev. Oswaldo Kickhofel.

Relatório de Virgínia em Curitiba – O encontro da região central para estudar e discutir o Relatório de Virgínia aconteceu nos dias 22 a 24 de agosto em Curitiba, reunindo representantes da DARJ, DASP e DAC. Os assessores foram Dom Robinson Cavalcanti e Rev. Jaci Maraschin. O próximo encontro será em Porto Alegre, com as três dioceses do sul.

Assessorias em setembro – O coordenador do CEA esteve em Goiânia assessorando a Jornada Teológica do CANT (05 a 07/09) e em Bagé, assessorando a Jornada Teológica do CETESMA (13 e 14/09).

Partilha de textos teológicos – Temos distribuído regularmente, via email, textos diversos como parte do Projeto “Compartilhar”. Desde maio, foram distribuídos mais de 10 textos. Quem não os recebeu pode solicitá-los pelo email ccalvani@hotmail.com. O objetivo é, “promover a reflexão, a orientação, a formação e a atualização dos clérigos e leigos para a sua missão e ministério” (Cânon 21 – Da Educação Teológica).